

## **A imprensa e a construção da memória: a representação do Ensino Superior no Vale do Sinos (RS) no jornalismo local (1969-1985)<sup>1</sup>**

Gisele Becker<sup>2</sup>

Rodrigo Perla Martins<sup>3</sup>

Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo/RS)

### **Resumo**

A construção da memória da imprensa passa pela análise da representação da mesma acerca da sociedade em que está inserida. Assim, este trabalho busca analisar a representatividade do Ensino Superior no Vale do Sinos (RS) na imprensa local. Seu desenvolvimento foi acompanhado de uma grande expectativa por parte da comunidade via imprensa e de uma visão entusiasta da mesma, em um contexto de investimento em educação pelos militares. Regionalmente, a visão construída nos jornais se dá em meio à necessidade de qualificação da mão-de-obra pelo crescimento do setor coureiro-calçadista. A educação e a qualificação da mão-de-obra são pautas constantes no noticiário da época, que não se apresenta neutro em relação ao panorama político, sugerindo uma certa convergência de interesses como projeto nacional de então.

### **Palavras-chave**

Imprensa; Memória; Jornalismo.

Ao longo de seus 35 anos de existência, o Centro Universitário FEEVALE formou um acervo de registros referentes à Instituição e à educação brasileira na imprensa local. Através de projeto de trabalho com a memória da instituição a partir de 2003, o interesse pelo material, até então de difícil acesso ao público, se dá tanto no sentido do resgate da Memória e da História Instituição quanto no entendimento deste acervo como patrimônio da mesma. Após uma identificação, separação, limpeza e organização do material, partiu-se para a análise das fontes.

Para tanto, buscou-se embasamento no referencial teórico que discute a relação entre a História e a Imprensa, pautando a utilização da fonte jornalística como fonte primária do trabalho historiográfico. Considera-se, aqui, que o jornal não retrata fielmente a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Mestre em História do Brasil, doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS e docente do Centro Universitário Feevale. E-mail: [giseleb@feevale.br](mailto:giseleb@feevale.br)

<sup>3</sup> Mestre em Ciência Política pela UFRGS e docente do Centro Universitário Feevale E-mail: [rodrigomartins@feevale.br](mailto:rodrigomartins@feevale.br)

realidade em que está inserido, mas a representa<sup>4</sup> através de diferentes olhares. Apesar de o jornal ter a proposta de publicar o fato real, ele não se constitui na verdade inquestionável, ainda que ofereça contribuições importantes à historiografia recente<sup>5</sup>, pois pertence a um grupo com determinada visão de mundo ou objetivos implícitos. De acordo com Maria Helena Capelato,

“A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção deste documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão produzidas em outras épocas.”<sup>6</sup>

Neste sentido, salienta-se a importância do questionamento do conteúdo publicado, bem como o posicionamento tanto do escritor dos artigos dos periódicos quanto do próprio leitor, que recebe as mensagens. Atualmente, no campo de estudos da Comunicação Social, não mais se entende o público leitor como receptor passivo do conteúdo jornalístico, mas como ingrediente ativo no processo comunicacional.<sup>7</sup> De acordo com Juan José Saer,

---

<sup>4</sup> A representação por meio da imprensa escrita constitui uma representação coletiva, entendida por Roger Chartier como as diferentes formas através das quais as comunidades, partindo de suas diferenças sociais e culturais, percebem e compreendem sua sociedade e sua própria história. (CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT. Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.212.)

<sup>5</sup> Para Márcia Espig, “O jornal possui toda uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade os jornais constituem-se em verdadeiros “arquivos do cotidiano”, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. E outro aspecto singular do material jornalístico é o tipo de censura sofrida, pois a imprensa recebe apenas a censura instantânea e imediata, diferentemente de outras fontes que poderão ser submetidas a uma triagem antes de serem arquivadas. Segundo Zicman, ‘Com raríssimas exceções, para os historiadores o jornal é antes de tudo uma fonte onde se ‘recupera’ o fato histórico - uma ponte ou trampolim em direção à realidade - não havendo entretanto interesse por sua crítica interna.’” (ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, nº 2, p.269-289, dezembro de 1998.)

<sup>6</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto / Edusp, 1998.

<sup>7</sup> Neste sentido houve a formação, na área da pesquisa em Comunicação, dos chamados Estudos de Recepção, que valorizam o papel ativo das audiências na comunicação. O indivíduo não seria, portanto, tão passivo quanto se poderia supor anteriormente. Passou-se a buscar uma identificação dos espaços onde ocorre o consumo do que é produzido pelos meios, mais do que o consumo propriamente dito; o texto midiático, neste sentido, deixa de ser um único princípio estruturante na produção de sentido. Há maior atenção para os usos que os indivíduos fazem destes meios e como se estabelecem as relações destas pessoas com as tecnologias a partir de estudos etnográficos. Entretanto, é preciso também estabelecer os limites desta maneira de conceber os estudos de mídia: na busca de uma localização dos indivíduos na estrutura social e da identificação dos usos feitos dos meios de comunicação, pode-se privilegiar muito mais o contexto sócio-cultural do que o texto midiático em si. Isso provavelmente ocorre porque o receptor passa a ser visto como racional nas suas atividades. Ou seja: as audiências sabem o que fazem e podem ser conhecidas pelos seus próprios relatos.

“... um escritor não pode se definir por um elemento exterior à práxis da escrita. O escritor é um homem que possui um discurso único, pessoal, e que não pode pretender, ao que me parece, assumir nenhum papel representativo. Um escritor só representa a si mesmo. (...) Os dados extra-artísticos, nacionalidade, extração social, ‘espírito do tempo’, influências culturais, etc., são completamente secundários. Os verdadeiros criadores só representam sua época se eles a contradizem..”<sup>8</sup>

A análise do material, neste sentido, tem como objetivo identificar a representação construída pela imprensa local acerca da implantação e consolidação do Ensino Superior no Vale do Sinos (Rio Grande do Sul). Percebe-se que ao final da década de 1960 criou-se um contexto de grande expectativa na região quanto à representatividade do ensino superior para a comunidade e perante o governo federal. O ano de 1969, por exemplo, marca a instalação do Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo/RS, representado pela e na imprensa local como um modelo a ser seguido por outras instituições do país. Tais expectativas são trabalhadas ao longo da década de 1970, durante o governo dos militares, acompanhadas de um investimento no campo educacional; entretanto, o início da década de 1980 já evidencia um desgaste significativo deste modelo e uma crise regional da educação superior, enquanto reflexo de uma crise nacional no mesmo campo.

Em 1985 acompanhamos o processo de reabertura política, trazendo novos encaminhamentos para a educação do país. Ao acompanhar a trajetória do ensino superior no Vale do Sinos durante o regime militar, o jornalismo local (aqui representado pelos jornais Zero Hora, Correio do Povo, NH, VS, Jornal do Comércio e Folha da Tarde) contribuiu para a construção dessa de sua memória.

Regionalmente, neste contexto, poderíamos destacar a determinação pela qualificação da mão-de-obra em função do crescimento do setor coureiro-calçadista, que contribuía para um grande desenvolvimento econômico no Vale do Sinos. Em nível nacional, vivemos a chamada internacionalização da economia brasileira, projeto do regime militar, onde o Brasil era considerado e tratado como o “país do futuro” ou “um país que vai para frente”<sup>9</sup>. Assim, podemos sugerir que o investimento em educação, especialmente

---

<sup>8</sup> **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de outubro de 2000, Caderno *Mais!*, p.12.

<sup>9</sup> GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. SP : Cia das Letras, 2002. Além dessa referência podemos citar também as peças de propagandas (sabemos hoje que todas criadas pela ARP – nesse caso ver FICO, 1997) e discursos de época.

o nível superior, faria parte de um grande projeto nacional. Este é o tom dado à repercussão sobre a educação na imprensa local, ao lado de notícias que buscavam mostrar um Brasil em vias de se tornar um país-potência: enquanto cresciam as instituições de ensino e projetos como o Mobral, o Brasil investia no campo das telecomunicações, abria estradas e buscava investimentos com capital estrangeiro (o que traria conseqüências econômicas para o país), bem como diversificava sua investida comercial na busca de compradores de seus produtos industrializados.

Percebe-se um crescimento nos índices educacionais no Brasil e no Mundo a partir do final da Segunda Guerra Mundial, mas especialmente a partir do final dos anos 60 até meados dos anos 70. De acordo com Boris Fausto, neste período “o nível educacional que mais cresceu foi a pós-graduação (31%), seguida do ensino universitário (12%).”<sup>10</sup> Houve um significativo investimento em escolas de educação básica, universidades públicas e aberturas de cursos superiores em entidades não-públicas. Essa preocupação com os investimento em educação e a formação de profissionais qualificados estaria, portanto, coadunado com o projeto desenvolvimentista levado a frente pelo regime militar: na construção do “Brasil Grande Potência” a educação teria papel fundamental. É importante ainda salientar que, em um dos momentos considerados mais repressivos da história do país, sob a liderança de presidentes militares<sup>11</sup>, o início dos anos 70 constitui o chamado *Milagre Brasileiro*<sup>12</sup>, onde aconteceu um crescimento significativo do PIB e de desenvolvimento urbano e social do país.<sup>13</sup>

A consolidação do ensino superior no Vale do Sinos se deu nesse momento macro-histórico e, certamente, acompanhou as estatísticas de crescimento<sup>14</sup> no campo educacional apresentadas anteriormente. Para Fausto ainda “o crescimento do ensino superior privado pode ser apreendido quando se considera que em 1960 44% dos alunos de

---

<sup>10</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1997, p.544.

<sup>11</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castello a Tancredo**. RJ : Paz e Terra, 1988.

<sup>12</sup> O período do *Milagre* estendeu-se de 1969 a 1973, combinando um crescimento econômico com baixas taxas de inflação. Para Fausto, “o PIB cresceu na média anual, 11,2%, tendo seu pico em 1973, com uma variação de 13%. A inflação média anual não passou de 18%.” O autor ainda salienta o aumento dos investimentos de capital estrangeiro no país na época, bem como a ampliação do crédito ao consumidor, a expansão do comércio exterior e o crescimento da indústria automobilística. (FAUSTO, Boris. **Op. Cit.**, p.485). Além desse autor cabe lembrar que o termo é amplamente usado pela maioria dos estudiosos desse momento histórico.

<sup>13</sup> COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. Brasil: 1964-1985. RJ : Record, 1999.

<sup>14</sup> Além do crescimento dos números da educação no Brasil de uma forma geral e a região de maneira particular, cabe salientar ainda que é possível estabelecer uma relação profunda entre o desenvolvimentismo industrial do Vale do Sinos com o surgimento, consolidação e expansão do Centro Universitário Feevale.

ensino superior estavam matriculados em instituições privadas. Esse número aumentou para 50% em 1970 e chegou a 65% em 1980.”<sup>15</sup>

Em 1969, o jornal NH (de Novo Hamburgo) anunciava com entusiasmo a tão esperada chegada das “faculdades” no município para o ano de 1970, parecendo responder aos anseios da comunidade pelo desenvolvimento que a mesma traria para a região e sinalizando para a necessidade da implantação do ensino superior no momento em que se formou uma comissão encarregada do projeto, que contaria com o apoio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. O projeto de criação da Feevale estava mais próximo de sua consolidação:

“... todos os estudos realizados pela comissão que estará encabeçada, para a realização de uma Universidade, futuramente, em Novo Hamburgo, pelo professor Dioni Bado, do Instituto York, visam trazer todas as faculdades para a cidade industrial, visto até o presente momento 2500 alunos se encontrarem nos bancos escolares do segundo ciclo, ansiosos para ingressar no superior.”<sup>16</sup>

Em 1970, a cidade de Novo Hamburgo recebeu a visita do Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, que, entre outras visitas, conheceria as instalações da ainda recém-inaugurada Feevale. O jornal noticiou que não apenas a cidade de novo Hamburgo causara uma boa impressão, mas especialmente o direcionamento que o Ensino Superior tomava na região: “... em sua alocução, ressaltou sua satisfação em ver a orientação da diretriz geral de moral e civismo que nossas faculdades estão apresentando. Teve ocasião de ver o ensino tecnológico que está sendo dado, sem, no entanto, descurar o humanismo do aluno.”<sup>17</sup> Os resultados positivos esperados são reforçados pelo jornal poucos dias depois, de acordo com a matéria intitulada “*Ensino Superior já é uma realidade em Novo Hamburgo*”:

“... a instituição de um curso de nível superior em Novo Hamburgo foi, desde há muito, uma velha aspiração da população hamburguesa. Em 1969 este acalentado sonho transformou-se em realidade através da FEEVALE, mantida pela ASPEUR. Isso foi possível graças ao esforço e dedicação de um grupo de hamburgueses, que batalhou

---

<sup>15</sup> **Idem.**

<sup>16</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 09 de maio de 1969. No mesmo ano é fundada a ASPEUR, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo, mantenedora do Centro Universitário FEEVALE. No mês de agosto o jornal afirma com entusiasmo: “Ministro Tarso Dutra passou um dia aqui e confirmou: ‘implantação do Ensino Superior em Novo Hamburgo é fato consumado’.” (**Jornal NH**, 27 de agosto de 1969).

<sup>17</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 23 de setembro de 1970.

incansavelmente e que encontrou eco em seu trabalho junto à comunidade. Hoje, ao término do primeiro ano letivo, já se pode constatar o absoluto sucesso alcançado, visto ter preenchido uma lacuna que se fazia sentir na educação região, e que era da existência do ensino empresarial, voltado para as necessidades da região.”<sup>18</sup>

A instalação da Feevale, entretanto, não é descolada do momento histórico vivido pelo país e pela região do Vale do Sinos. Simultaneamente às expectativas criadas em torno da Feevale, os olhares da imprensa local também se voltam à criação da Unisinos. Em suplemento especial sobre a criação da universidade, o Jornal do Comércio representa este momento como resultado da inovação e do crescimento característicos da região:

“A universidade do Vale do Rio dos Sinos autorizada em 31 de julho de 1969 (...), iniciou suas atividades acadêmicas em março de 1970. A UNISINOS é o resultado a atuação de três faculdades e do esforço conjugado de alunos, professores e jesuítas. É também o resultado da agressividade da gente de uma região geo-econômica-educacional em direção ao desenvolvimento. É uma decisão que todos tomaram como um ato de fé no poder jovem. A NOVA UNISINOS ensaia o desafio da auto-responsabilizado aluno. Sua estrutura não é paternalista. É subsidiária. Complementar. É uma estrutura que possibilita, mais, estimula, mais cria, no aluno, as qualidades que são exigência da época: FORMAÇÃO-DESAFIO-OUSADIA. Pretende a UNISINOS forjar pessoas que marquem passo com o ritmo do tempo!”<sup>19</sup>

Pouco tempo antes, em 1970, o jornal NH já noticiava os resultados pretendidos no campo do ensino, através da fala do deputado Calmon, que preconizava a consolidação da *Década da Educação*:

“O deputado acrescentou que em maio do ano passado teve a idéia de criar a Década da Educação, que seria de 1970 a 1980 para acabar com o problema da educação no país, mas que para isso seria necessário entusiasmar o povo e usar as 1.400 emissoras de rádio e aproximadamente 50 de televisão existentes no país, pois os melhores meios de comunicação para a educação são o rádio e a TV. (...), disse que o nosso maior inimigo é a ignorância e que para vencermos esta

<sup>18</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 25 de novembro de 1970. Na mesma reportagem o jornal apresenta índices numéricos como argumento para evidenciar a consolidação da Instituição: “dos 288 alunos que iniciaram os estudos em março, apenas 53 desistiram, o que representou 18,4 % de desistências, total este abaixo da média normal em escolas universitárias.” Em seu início, a instituição oferecia as faculdades de Belas Artes, Ciências Contábeis, Educação, Relações Públicas e Administração, já prevendo a criação de outras. O jornal também evidencia que os vestibulares são procurados por moradores de todo o Estado do Rio Grande do Sul, o que é visto como fator de sucesso e consolidação do projeto na região.

<sup>19</sup> **Jornal do Comércio**, 9 de junho de 1971. Suplemento Especial Unisinos.

batalha temos que lutar muito. Encerrou dizendo que o Brasil não é um grande país, mas sim um país grande, e que está situado em 51º lugar no analfabetismo, e também, que de 1000 alunos que entram no curso primário, somente onze completam um curso superior. O Brasil usa somente 1 bilhão de dólares dos 25 bilhões de dólares do seu produto nacional bruto, na educação.”<sup>20</sup>

Ainda no que diz respeito à “visita de autoridades” na região, temos em abril de 1971 o a visita do senador Tarso Dutra que proferiu uma palestra no salão da ASPEUR<sup>21</sup> falando sobre Educação e Desenvolvimento, salientando o papel exercido pelo Vale do Sinos no crescimento da qualidade da educação brasileira. O NH dá grande destaque à cobertura do evento. A Feevale é vista, naquele momento, como um empreendimento que dá conta da grandeza de Novo Hamburgo no cenário nacional.<sup>22</sup> A imprensa da região noticia que, de acordo com a fala de Dutra, o Brasil já alcançara em 1971 a meta educacional prevista para 1975:

“O senador Tarso Dutra iniciou sua palestra invocando a figura do ex presidente Costa e Silva e lembrando seu esforços no sentido de aproveitar ‘este potencial extraordinário de nossa pátria que é a sua juventude’. ‘Quem fala, pensa e equaciona os problemas do desenvolvimento do nosso tempo, a de sentir com toda a intensidade aquele quadro que ainda a poucos anos atrás era capaz de transmitir todas as tristezas, todos os desânimos, quando víamos a sucessão de governos que se preocupavam mais com as grandes obras materiais, mas esqueciam uma obra anônima, a obra educacional, de interesse fundamental de toda a geração’.”<sup>23</sup>

De acordo com o que a imprensa noticia, o quadro encontrado, pelo *governo da revolução*, na educação brasileira, até o momento, era grave, constituindo-se em um grande empecilho para o progresso do país, razão pela qual seriam necessárias medidas urgentes para que o país alcançasse um status de *grandeza* junto às *nações civilizadas*:

“A carência de vagas em todos os estabelecimentos de ensino, a falta de professores, quando não de professores leigos, de professores até mesmo titulados, para todos os tipo de ensino. A manifesta deficiência, portanto como consequência de todas as outras falhas do próprio

<sup>20</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 26 de junho de 1970, p.3.

<sup>21</sup> Associação pró-ensino superior em Novo Hamburgo, mantenedora do Centro Universitário Feevale.

<sup>22</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 07 de abril de 1971, p.13.

<sup>23</sup> **Idem**.

sistema educacional, e , além de tudo, os índices verdadeiramente alarmantes, trágicos, do analfabetismo nacional, que abrangia mais da metade de toda a população do Brasil, para serem mais de 20 milhões de patricios nossos inteiramente destituídos de conhecimentos elementares de saber ler, escrever e contar, permanecendo portanto numa total escuridão mental e numa total incapacidade de participar dos trabalhos construtivos da sociedade brasileira. Este é o quadro que o governo da revolução brasileira encontrou, estas as falências que atingiam a base do progresso brasileiro fazendo a abstração do homem dentro deste trabalho nacional de construção global da grandeza econômica e social deste país, sem recursos humanos, sem investimentos educacionais, sem escolas qualitativamente apreciáveis, sem ensino qualitativamente ministrado, sem recursos, sem nada. Como poderia este país tomar o rumo do progresso, resgatar os seus desajustes sócias e econômicos e alcançar as alturas de grandeza que todos nós sonhamos no conjunto das nações civilizadas do mundo em que vivemos?”<sup>24</sup>

Em 1972 salientava-se a necessidade de continuar investindo na região, no sentido de suprir suas necessidades de desenvolvimento: “... a criatura humana é sempre assim. Ou sonha e realiza e continua a sonhar, ou não sai nunca do terreno liso e chão das limitações do cotidiano.”<sup>25</sup> Nos anos seguintes, o Vale do Sinos sempre é representado como elemento integrante deste grande projeto. A universidade teria um papel fundamental neste sentido:

“Foi o sistema educacional brasileiro e, em particular, a universidade brasileira, que demonstrou a sua capacidade de realizar reformas e renovar-se. Não somente quantitativa, como, principalmente, qualitativamente é que a universidade buscou um novo estágio de desenvolvimento, procurando responder aos anseios de uma sociedade em transformação, implantando centros tecnológicos em todo o Brasil. (...) Se, na universidade, pelos seus recursos humanos, está o máximo da inteligência criadora, é imprescindível que, cada dia mais, tenham uma universidade inovadora de conceitos e de estrutura, à semelhança da imaginação e capacidade realizadora que o governo e o setor privado tem demonstrado, nesta última década.”<sup>26</sup>

Este panorama também buscava responder aos anseios da comunidade (formada, de acordo com os jornais, por um povo trabalhador e inovador). É importante lembrar que a educação estava coadunada com uma necessidade de qualificação da mão-de-obra local. A imprensa conclama a população a ter papel ativo neste grande projeto: “Que o povo se associe para educar o povo. É a escola que representa o grande marco histórico de uma

<sup>24</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 07 de abril de 1971, p. 13.

<sup>25</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 17 de março de 1972, p.19.

<sup>26</sup> **Jornal NH**, 22 de junho de 1973, p.4



região. É o Vale do Sapateiro que está a exigir novas técnicas, homens capazes de acompanhar a tecnologia, o progresso das ciências.”<sup>27</sup> A universidade, portanto, seria o pólo centralizador de todos estes esforços, rumo ao progresso da região e do país:

“A Universidade deve representar a matriz de novos líderes para uma comunidade melhor e a síntese de pensamentos capazes de apoiar o esforço de desenvolvimento de uma região. É primordial, para tanto, a universidade revelar-se sensível as necessidades regionais, suscetíveis à inovação, a busca de novos mercados de trabalho, ajustados às condições sócio-econômicas de uma região.”<sup>28</sup>

O jornal NH, na mesma edição, ressalta que Novo Hamburgo é um município que, por ser caracterizado pela cultura germânica, deve continuar a se preocupar pela cultura de sua região. A organização do ensino superior no Vale do Sinos reforçaria o papel da região perante o cenário nacional, buscando atrair estudantes de outras localidades do país no intuito de encontrar, no Rio Grande do Sul, uma educação de qualidade. O veículo apresenta uma pesquisa feita pela Universidade de São Paulo, onde comprovou-se que, pelo menos 40% do total de alunos matriculados provinham de pais analfabetos ou com curso primário incompleto. Em Novo Hamburgo o mesmo fenômeno se sucedia, pelo fato de 53,27% de seus habitantes (Censo Escolar Sócio-Econômico Municipal de 2 de maio de 1969) não terem nascido no município. O jornal conclui que essas pessoas vieram a Novo Hamburgo em busca de um nível social, cultural e econômico mais elevado e melhores condições de vida..<sup>29</sup>

Em 1974, a imprensa noticia o recebimento de verbas e investimentos para a educação superior no Vale do Sinos. Ressalta-se o aumento de vagas, a disponibilização de cursos de língua estrangeira junto às faculdades e a informatização das mesmas. Em abril do mesmo ano, a imprensa dá destaque ao volume significativo de cursos superiores reconhecidos pelo MEC. A velocidade do processo também estaria coadunada com o grande projeto nacional de desenvolvimento do país. A ASPEUR e a FEEVALE teriam surgido “com a necessidade que o vale e adjacências ainda sentiam no campo do ensino

---

<sup>27</sup> **Jornal NH**, 22 de junho de 1973, p.4

<sup>28</sup> **Idem**.

<sup>29</sup> **Idem**. A reportagem ainda complementa que “O Brasil está marchando, celeremente, para a deselitização. O frequentar o ensino superior não é mais privilégio exclusivo das elites econômicas.”

superior. Graças ao perfeito entrosamento da área da iniciativa privada e do poder público, o projeto FEEVALE tornou-se realidade e passou a ser desenvolvido.’<sup>30</sup>

O diretor geral da instituição ressalta a colaboração da prefeitura, Câmara de vereadores bem como do senador Tarso Dutra. Este último, quando ministro da educação, determinou prioridade para os trabalhos de tramitação do projeto encaminhado ao MEC. A reportagem ainda ressalta a participação da comunidade, havendo o “...objetivo de acelerar o crescimento desta região.”<sup>31</sup> Ao mesmo tempo, o presidente Geisel ressalta a importância da indústria de calçado para a economia brasileira, quando apresentada a informação, no jornal *Correio do Povo*, de que em torno de 150 mil pessoas vivem do calçado.<sup>32</sup> Segundo a fala de Geisel no jornal NH, “A estabilidade e o desenvolvimento da indústria coureiro-calçadista é da mais alta importância para a economia brasileira.”<sup>33</sup>

Em 1977, o *Correio do Povo* aborda a questão da ainda limitada autonomia universitária, noticiando a fala de um alto funcionário do MEC, Welber da Silva Braga: “É necessária uma adaptação das universidades à necessidade regional, para que ocorra a clara definição do termo educação no país.” De acordo com a fala publicada pelo jornal, ainda seria necessário regionalizar a universidade sem retirar o substrato brasileiro. A mesma deve se inserir na região pelo lado didático-pedagógico, bem como no mercado de trabalho que se destina.<sup>34</sup>

Se até o final da década de 1970 o clima trabalhado na imprensa local é o de um estado de euforia com relação ao crescimento do país (lembrando, aqui, o momento vivido pelo Brasil a que denominamos *Milagre Econômico*), ainda que se fizessem ressalvas a reformulação de algumas questões (autonomia universitária e o ensino superior voltado para o desenvolvimento regional, atendendo aos anseios da comunidade), o início da década de 1980 assinala um panorama nacional um pouco diferente. A crise econômica brasileira atinge desde a educação básica à superior. No cenário do ensino brasileiro, saltam aos olhos déficits financeiros nas universidades, greves estudantis por ensino gratuito e educação de qualidade, bem como instituições prestes a fechar as portas. Regionalmente, as condições também seguem este novo perfil.

---

<sup>30</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 12 de abril de 1974.

<sup>31</sup> **Idem**.

<sup>32</sup> **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 de abril de 1974.

<sup>33</sup> **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 16 de abril de 1974

<sup>34</sup> **Correio do Povo**, Porto Alegre, 28 de janeiro.

Em 1980, o jornal Zero Hora publica uma matéria relativa à pouca democratização do acesso à universidade no Brasil, através de uma fala do setor jovem do PMDB aos vestibulandos. A reportagem assinala uma falta de investimento na área científica, contradizendo os discursos feitos até então:

“ao ingressar na universidade, o estudante se depara com uma realidade bem diferente da que sonhava: um ensino de baixo nível, sob precárias condições materiais e humanas.’ Este é um trecho da nota Vestibular e Universidade distribuída aos vestibulandos ontem de manhã pela comissão de organização do setor jovem do PMDB. ‘na área tecnológica’, acrescenta a nota, ‘são formados profissionais meramente manipuladores de tecnologia importada. Na área biomédica, é ministrado o ensino curativo, alimentando os gordos lucros das empresas multinacionais de medicamentos. O desestímulo às ciências humanas atinge níveis críticos’. ...”<sup>35</sup>

A fala do setor do partido, publicada pela Zero Hora, também se constituindo em oposição, segue fazendo críticas à política do governo federal:

“O povo brasileiro está sofrendo as conseqüências de uma crise originada na orientação antipopular e antinacional do regime militar instaurado em 1964. a vertiginosa alta do custo de vida, a péssimas condições de saúde e habitação, a crescente desnacionalização de nossa economia e a depredação de nossas reservas naturais são o saldo de quase 16 anos de ditadura militar, mantida pela violência que sempre empregou e da qual não pretende se afastar, embora tente fazer parecer o contrário. Nem a Universidade brasileira nem a educação do país consegue escapar à crise. O ensino superior é de difícil acesso às camadas menos privilegiadas da população. ...”<sup>36</sup>

No mesmo mês, o jornal Correio do Povo dedica grande espaço ao encontro do Conselho de Reitores, que se dirige ao Ministro da Educação para falar da difícil situação das universidades. De acordo com o documento a ser apresentado ao Ministro, publicado pelo jornal, as universidades estariam cientes das condições econômico-financeiras do país, do agravamento do déficit do setor público e das limitações orçamentárias da União e reconheceram a necessidade de se ajustar a administração universitária as contingências da presente conjuntura: “impõem-se a busca de alternativas conscientes com a elevação da

---

<sup>35</sup> Zero Hora, Porto Alegre, 10 de janeiro de 1980, p.36.

<sup>36</sup> Idem.

qualidade de trabalho universitário e com as aspirações de redução da dependência tecnológica.”<sup>37</sup> As universidades consideram muito difíceis as condições de manutenção das atividades universitárias em função de um decréscimo progressivo das dotações orçamentárias que, além disso são corroídas pela inflação acelerada.<sup>38</sup>

No mesmo mês, a imprensa continua dando destaque para o Conselho de Reitores, visto como elemento chave para a retomada do crescimento do ensino superior no país. Além de um déficit orçamentário, o problema apontado é a falta de uma consciência acerca do papel da educação para o progresso do país: os reitores manifestaram

“... profunda preocupação com a falta de uma consciência nacional de que a educação, inclusive nos programas de Governo, deve ser prioritária para o desenvolvimento do país. Observando que entre 1960 e 1980 a parcela destinada à educação no orçamento federal caiu de 11 para 4,8 por cento, eles pediram ao Governo o cumprimento do dispositivo da Constituição de 1946, que obriga o investimento, em educação de, pelo menos, 12 por cento da receita da União e 20 por cento das dos estados.”<sup>39</sup>

As preocupações deveriam ser atendidas também no Vale do Sinos, região até então vista, pela imprensa local, como uma referência em educação a nível nacional. Neste sentido, o jornal Folha da Manhã noticia a pretensão do Reitor da Unisinos de humanizar a universidade ainda na década de 1980. A humanização contribuiria para um novo crescimento da educação superior e para o investimento na ciência e na produção do conhecimento. Em sua fala publicada, que ganha grande espaço nas páginas do jornal, o reitor menciona que

“A razão de ser da Unisinos é o homem. A máquina, o espaço urbano, a casa, a fábrica, a estrada, o produto industrializado para ser

---

<sup>37</sup> **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 de janeiro de 1980, p.11

<sup>38</sup> **Idem**.

<sup>39</sup> **Correio do Povo**, 26 de janeiro de 1980, nº 97, p.9. Em maio, a Folha da Tarde noticia a redução do ensino superior: “de 1968 a 1974, o sistema de ensino superior brasileiro teve um crescimento de 128%, passando de 372 para 488 instituições. De 1974 pra cá, o crescimento foi de apenas 2%, com a criação de 15 novas escolas. Estes dados foram concluídos pelo MEC, que acaba de realizar um levantamento do quadro do ensino superior brasileiro. Segundo o ministro Eduardo Portella, o decréscimo verificado no sistema de ensino superior é decorrência da política de contenção de criação de novos cursos adotada pelo MEC em meados da década de 70, quando a expansão indiscriminada das escolas de nível superior começou a criar problemas qualitativos em toda a estrutura educacional. ...” (Folha da Tarde, Novo Hamburgo, 12 de maio de 1980, nº 13, p.25)

consumido vem em segundo lugar. Temos que deslocar o conceito supervalorizado do ‘homo faber, homo economicus, homo ludens, homo politicus, homo technicus, homo socialis, homo circunstancialis’ e pôr em evidência, com o máximo apreço, a ‘humanitas’ do ‘homo humanus’. O homem é. Não importam as circunstâncias de isso ou aquilo. Neste sentido, nesta década a Unisinos incentivará a idéia de uma humanização, a mais ampla possível. (...) caminhar-se-á rumo a uma humanização da universidade. ...”<sup>40</sup>

A imprensa argumenta a favor da necessidade de qualificação do ensino superior para que os demais problemas também possam ser sanados. Afrânio Coutinho, professor e crítico literário da ABL, escreve uma coluna no jornal Zero Hora defendendo a qualidade do ensino oferecido. Ressalta-se, aqui, que a euforia percebida anteriormente sobre a implantação das universidades, pretendendo um progresso ideal a ser alcançado (conforme também representado e acompanhado pela imprensa) teria sido funesta. Haveria uma moda de valorização do ensino superior e multiplicaram-se as faculdades e universidades. Segundo Coutinho, nesta nota,

“Qualquer coleginho secundário só tem uma preocupação: transformar-se em faculdades e universidades. É uma questão de *status*. (...) O resultado é sinistro para o Brasil! Não se pode prever o que será o país daqui a 20 anos com essa geração despreparada quando assumir as posições de direção e poder. Tudo culpa de uma falsa filosofia de governo que optou por essa idéia de que tínhamos de alcançar, para propaganda no exterior, uma taxa de escolaridade superior de milhões de estudantes. Não se cogitou de saber se o país possuía uma rede de escolas de terceiro grau à altura dessa demanda.”<sup>41</sup>

A década de 1980, portanto, assinala uma preocupação em retomar os investimentos feitos anteriormente, mas com a preocupação de que os resultados alcançados neste momento sejam mais qualitativos do que quantitativos. Professores e alunos se encontram em assembléias propondo alterações no sistema de ensino brasileiro. Mas o ensino brasileiro ainda carregaria a responsabilidade de contribuir para o progresso do Brasil, ainda que o panorama político do país começasse a evidenciar algumas mudanças. De acordo com reportagem da Folha da Tarde,

---

<sup>40</sup> **Folha da Manhã**, Novo Hamburgo, 31 de janeiro de 1980, n° 3101, p.36

<sup>41</sup> **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 de maio de 1980, n° 5361, p.2.

“... Estas instituições [as universitárias] se integram no modelo econômico, colaborando na sua expansão na medida em que: 1) se verifica uma correlação entre qualificação universitária – renda, fortalecendo a classe média consumidora de bens de consumo durável, filé mignon de uma economia que tem nesta produção ou setor mais dinâmico; 2) os profissionais qualificados possibilitam a expansão das atividades para as quais foram preparados; 3) as instituições se constituem num empreendimento econômico. As cidades-sedes destas instituições concentrando o estudantado ampliam o mercado do setor terciário, por exemplo: hotéis, comércio em geral, pensões. Sediar uma instituição desta natureza significa aumentar o grau de polarização da cidade, carreando para si os benefícios econômicos originários deste fator.”<sup>42</sup>

A maneira como são representados os investimentos no ensino superior da região, bem como a preocupação com a gravidade da crise instalada ao início da década de 1980, revelam uma possível opção política da imprensa local de convergência ao projeto nacional, de transformação do Brasil em um país-potência. Ao salientar, durante o regime militar, o papel da educação para o desenvolvimento do país, a imprensa contribui para a construção da memória nacional bem como do próprio jornalismo brasileiro: o jornal é fonte de sua própria história, meio de expressão de idéias e depósito de cultura.

### **Referências Bibliográficas**

ÁVILA, João Carlos Rambor de. **O papel do Jornal NH no desenvolvimento econômico regional**. Novo Hamburgo, Monografia de Bacharelado em Jornalismo, Centro Universitário Feevale, dezembro de 2004.

BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto / Edusp, 1998.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Ciro. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Florense / universitária, 1982.

---

<sup>42</sup> **Folha da Tarde**, Novo Hamburgo, 02 de setembro de 1980, nº 110, p.21.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: Historia cultural: entre práctica e representación**. Barcelona: Gedisa, 1996.
- COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. RJ : Record, 1999.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, nº 2, p.269-289, dezembro de 1998.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1997.
- FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. SP : Cia das Letras, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. **Mídia, imagem e cultura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa** Porto Alegre: Sulina, 2004.
- RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1997.
- SCHEMES, Cláudia & SILVA, Cristina Ennes da. **ASPEUR: Uma trajetória comunitária: Memória de seus colaboradores**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2003.
- SCHEMES, Cláudia (et.all.) **Memória do setor coureiro-calçadista: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.
- Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de outubro de 2000, Caderno *Mais!*
- Jornais:**  
NH, Zero Hora, Correio do Povo, Jornal do Comércio, Folha da Tarde e Folha da Manhã, de 1969 a 1985.